

# MONBEIG, PAISAGEM E GEOGRAFIA ESTIGMÁTICA

Prof. Dr. Aldo Aloísio Dantas da Silva  
Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
aldodantas@uol.com.br

## RESUMO

O artigo mostra como Monbeig – formado na Escola Francesa de Geografia e um dos fundadores da geografia científica brasileira – pensa a Geografia e como, a partir da análise da paisagem, elabora a noção de “complexo geográfico” e amplia o conhecimento desta ciência para além da descrição. Defende a posição de que Monbeig enriqueceu a sua análise em função do contato com a realidade brasileira na medida em que sente as limitações do modelo regional aplicado a um país como o Brasil dos anos trinta.

**Palavras chave:** Monbeig, paisagem, pensamento geográfico.

## ABSTRACT

The article shows how Monbeig – formed in the French School of Geography and one of the founders of the scientific Brazilian Geography - thinks the Geography and as, starting from its analyzes of landscape, elaborates the notion of “geographical complex” and enlarges the knowledge of this science for besides the description. The article defends position that Monbeig enriched yours analyzes on the contact with the Brazilian reality in the measure he sits down the regional model when applied to Brazil during the thirties of XX th century.

**Key words:** Monbeig, landscape, geographical thought

---

Diz-se de um sistema óptico no qual os raios de um feixe de luz se cortam num mesmo ponto – esta é uma das definições dadas pelo “Michaelis - Moderno Dicionário de Língua Portuguesa”, 1998, para o vocábulo estigmático.

Parece ser esta uma boa imagem para melhor compreendermos a geografia monbeigiana – herdeira incontestada da geografia vidaliana – e a sua noção de complexo geográfico. Ele toma como ponto de partida para a análise geográfica a paisagem. É nesse ponto que os feixes de luz da abordagem geográfica se cortam, se cruzam, onde os fenômenos se determinam não em relações de causa e efeito mas em “interações perpétuas”. É o olhar estigmático que distingue o geógrafo dos demais estudiosos. No box a seguir poderemos ver o que Monbeig pensa sobre a análise que o geógrafo deve desenvolver.

A exemplo de seus mestres e dos geógrafos de sua época, Monbeig perseguia dois objetivos: encontrar um *terrain* (área de estudo) e ensinar geografia. Inicialmente ele acreditava que o seu *terrain* seria a Espanha, mais especificamente as ilhas Baleares, no entanto as circunstâncias o trouxeram ao Brasil, país que lhe abria várias possibilidades para o trabalho de campo e para a implantação de uma geografia “científica” numa faculdade em processo de criação.

Não há nenhuma dúvida de que esse estudioso foi formado na tradição das grandes teses regionais da Escola Francesa de Geografia, no entanto devemos reconhecer que sua obra vai além da simples descrição empírica: chega a um nível explicativo geral e constantemente enriquece a disciplina, introduzindo elementos outros para a discussão geográfica, como foi o caso, em sua tese, da pequena discussão que fez sobre a psicologia bandeirante, que passou quase despercebida (ou foi propositadamente deixada de lado) pela banca examinadora, o que, segundo depoimentos, provocou uma certa indignação por parte do examinado.

Monbeig considera que as “atitudes do espírito” constituem um elemento fundamental e essencial para se compreender os modos de ocupação do espaço e, nesse sentido, devem ser objeto de pesquisa na Geografia. Para ele, os modos de pensar e os modos de vida caminham juntos, portanto devem ser estudados como um par. Monbeig escapa, assim, da crítica feita à tradição das monografias regionais, acusadas de negligência na interação dos elementos explicativos.

Com o passar do tempo e com a influência que recebe da realidade geográfica brasileira, *terrain* que adota para desenvolver as suas pesquisas, a sua inserção na tradição da Escola Francesa se exprime não somente na importância que dá à História como elemento explicativo mas também pela descrição minuciosa da paisagem e dos homens chamando a atenção, principalmente, para o fato de que a caracterização dos tipos e personagens da sociedade local é de fundamental importância para a análise geográfica. Esse procedimento é o adotado por Vidal de la Blache em seu *Tableau de la Géographie de la France*.

Para Monbeig “o campo de estudo do geógrafo é a paisagem”. O domínio do geógrafo é, primeiramente, o que se pode ver na superfície da terra: as rochas, os solos, as águas, o relevo, os vegetais, os animais, os homens. Mas paisagem é também o que se pode sentir: a atmosfera, os ventos, os cheiros e odores. O geógrafo é aquele que ama viajar, olhar em torno dele mesmo, farejar odores, sentir a atmosfera; é também o homem do “corpo-a-corpo”, sempre pronto para interrogar as pessoas e para ouvi-las.

### BOX

---

*É fácil compreender que o geógrafo não se apóia num fato isolado, como o economista, o sociólogo ou o engenheiro,(...) Partindo da realidade, que é sempre complexa, o geógrafo a compreende primeiramente em sua totalidade. Em seguida, ele se esforça, como o diz o Professor Baulig, para explicar e compreender. Explicar, quer dizer desenrolar, como se desenrola um rolo de papel ou, se se prefere, como se desmonta um mecanismo para ver todas as suas partes.*

*Mas, totalmente desmontado o mecanismo, é preciso tomar bastante cautela com a maneira como se ajustam as partes, pois é precisamente o ajustamento dessas partes que assegura o funcionamento do mecanismo. Tendo explicado, trata-se agora de compreender, quer dizer, tomar em conjunto os diferentes elementos. Uma linha de estrada de ferro, por exemplo, não é somente o traçado da via, a velocidade dos trens, nem a lista de cidades que ela dessela, nem o número de viajantes e a tonelage das diversas mercadorias que ela transporta. É tudo isso junto, mais os capitais que asseguram seu funcionamento, as atividades que ela suscita, as concorrências que ela sofre e outras coisas mais. O economista limitar-se-ia ao estudo de alguns desses aspectos, o técnico a outros, o especialista em questões demográficas a outros. O geógrafo os toma na sua totalidade e os considera como um todo no qual todas as partes são solidárias.*

*O próprio do estudo geográfico é, pois, constituído por conjuntos complexos, de “combinações geográficas”, para retomar a fórmula do Professor Cholley. Mas essas combinações têm um substrato sólido: a Terra. E a Terra não quer dizer somente a superfície acidentada do solo, mas também o subsolo, as plantas, o clima, o meio biológico. É necessário ver como e por que existe determinada combinação geográfica num ponto preciso do globo. Ela ocupa uma certa parte do espaço; ela se impõe ao meio natural e ela é ao mesmo tempo conseqüência dele. Ela se transforma sem cessar, pois tudo o que vive é dinâmico; é preciso ver também como esse complexo geográfico evolui e por que causas.*

*Perguntar-se-á, sem dúvida como reconhecer esses complexos geográficos. Se é fácil com nossos instrumentos científicos mensurar os fenômenos físicos ou químicos os mais miúdos, como ver um complexo? O primeiro ponto do método geográfico, como já mostrei nos meus Ensaios de Geografia Humana (São Paulo, 1940), consiste em abrir os olhos sobre a paisagem. O geógrafo deve saber olhar, e aí onde um olho não advertido vê apenas linhas e cores, ele compreende a significação profunda, o valor humano da paisagem. Mas, por mais completa de ensinamentos que seja uma paisagem, ela não é tudo e, para melhor compreendê-la,, é necessário, e este é o segundo ponto de nosso método, poder ultrapassá-la. Não é o suficiente, diante de um cenário industrial, como o da periferia de Paris ou de São Paulo, falar da fumaça das chaminés, enumerar as fábricas e descrever o vaivém das massas operárias. É necessário ainda perguntar-se quais estruturas econômicas estão associadas a essa paisagem das quais elas são ao mesmo tempo causa e conseqüência. (Pierre Monbeig, Leçon inaugurale, 1952).*

---

Indiscutivelmente a noção de paisagem comporta pontos frágeis. Costuma-se reduzir a paisagem à análise do visível. Sabemos que algumas realidades escapam à visão, mas cabe ao geógrafo perceber na paisagem fatos da subjetividade e da cultura, assim como as estruturas sociais. Para Monbeig, a paisagem é o reflexo das civilizações e evolui com estas:

*... como a cultura de um grupo evolui, sua paisagem também evolui: o mesmo suporte natural viu sucederem-se paisagens diferentes, sendo cada uma reflexo da civilização do grupo em dado momento de sua história. Assim a paisagem não é mais considerada como produto da geologia e do clima, mas como reflexo da técnica agrícola ou industrial, da estrutura econômica ou social[...]* (Monbeig, 1940,p.238-239).

A paisagem “monbeigana” é multiforme. É produto da natureza: “Em suma, desaparece a paisagem natural dos Países Baixos e o homem constrói outra, verdadeiro reflexo da técnica, da riqueza, da civilização holandesa” (p.234); é produto da luta do homem em sua adaptação à natureza: “É na luta contra o elemento aquático que os homens manifestam mais nitidamente sua capacidade de agente geográfico, criador de paisagem” (p.239); é produto da luta dos homens em sociedade e revela estruturas sociais:

*Na fazenda clássica tudo se agrupava à vista do dono: a sede era sempre cuidadosamente localizada em ponto elevado para abranger-se o conjunto das instalações: terreiros e máquinas de beneficiar, ao mesmo tempo que as longas e tristes filas das colônias. A plantação de café, tal como nos descreve Pierre Denis em seu ‘Brasil no Século XX’, tal como existe ainda, é um vasto domínio diante do qual o historiador não pode deixar de pensar nos domínios feudais. Tal paisagem exprime, portanto, uma estrutura social caracterizada e uma economia ainda coloniais em muitos de seus traços* (p.246).

Ainda segue Monbeig:

*Nas zonas da Noroeste ou de Marília, encontram-se lado a lado a fazenda tradicional com seu cafezal e as casas isoladas dos colonos japoneses, construídas a meia-encosta, acompanhando a curva de nível. Coexistência de dois tipos de ‘habitat, de duas estruturas sociais que se concretizam na paisagem* (p.247).

O entendimento do autor é o de que o geógrafo deve desenvolver a visão de observador em face da paisagem. Essa observação dar-se-ia através da escolha que ele faz entre os objetos presentes na superfície do globo. Sua atenção deve voltar-se, por exemplo, na direção daqueles elementos que são bastante grandes para serem claramente visíveis: o movimentos do terreno, córregos e riachos, rios etc.; ele leva em consideração as plantas – mas percebidas em seu conjunto –, estepes, pradarias, florestas, charneca, matagal e outras formas de vegetação silvestre. Uma grande árvore chama sua atenção apenas se estiver isolada e servir de sinal na paisagem. O geógrafo nota as culturas, as fazendas e suas construções, as vilas e as cidades.

Os objetos que retêm a atenção dos geógrafos não são de mesma escala. A paisagem revela objetos próximos e distantes, elementos da natureza e da cultura, aspectos materiais e subjetivos, estruturas geológicas e estruturas sociais. Essa démarche monbeigana, tratar os fatos geográficos em diferentes escalas, é, sem dúvidas, uma herança vidaliana como nos indica a análise seguinte: *Praticando a dialética das escalas, Vidal de la Blache não se fecha em um sistema único de divisão do espaço. Ele é tão sensível às pesquisas que os historiadores consagram às regiões históricas – e à sua longa história – quanto aos trabalhos dos geólogos* (CLAVAL, 1998, p.106).

A especificidade da Geografia é caracterizada pela tensão entre as ciências da natureza e as ciências humanas. A Geografia que se constitui no fim do século XIX e que é praticada durante cerca de 60 anos sob o modelo da Escola Francesa de Geografia *desenvolve uma estratégia epistemológica do misto, ou melhor, do entre-dois, da passagem* (1).

Monbeig, sem nenhuma dúvida, entende a Geografia como essa tensão, como esse misto entre sociedade e natureza/entre senso comum e ciência, como fica perceptível no trecho que segue:

*Ver como a paisagem é reflexo da civilização, tal é uma das principais tarefas do geógrafo; é um trabalho de análise que ele precisa fazer para distinguir o que provém do solo, do clima e também da técnica agrícola, da organização social. A análise da paisagem apresenta-se como um jogo de quebra-cabeças; mas, enquanto o jogo se torna logo fastidioso, é apaixonante o estudo da paisagem: apaixonante porque nos põe em contato com a humilde tarefa quotidiana e milenar das sociedades humanas; ela mostra o homem lutando sem cessar para aperfeiçoar-se (MONBEIG, 1940,p. 248).*

Para Monbeig, a Geografia define, localiza e explica as diferentes paisagens da Terra; paisagens que são constituídas pela conformação do terreno, pelos caracteres do clima, pelo revestimento vegetal e, ao mesmo tempo, pelo trabalho exercido pelo homem, que introduz culturas diversas, substituindo o seu revestimento natural, constrói casas, rasga estradas, delimita campos, ergue postes para fiação, constrói barragens, estradas de ferro, canais etc. “obra tão grandiosa” que, muitas vezes, transforma a topografia original e dá à terra um novo aspecto. Para Monbeig, a paisagem é um fato geográfico. Um fato que só se explica em sua complexidade. A paisagem é um dos elementos do complexo geográfico e o trabalho do geógrafo é decifrar esse complexo. *O geógrafo vê-se diante do complexo geográfico como diante de novelos de linha loucamente emaranhados, dos quais dificilmente se encontra a ponta* (MONBEIG, 1950). Essa metáfora dos novelos de linha nos leva a concluir que Monbeig tem sempre em mente a noção de simultaneidade e de complementaridade dos fenômenos que compõem o complexo geográfico.

A Geografia monbeigana está também eivada de contingências(2). Isso quer dizer que os fenômenos naturais e humanos tomados em suas situações concretas são geralmente o resultado de uma combinação de causas diversas e que não se reproduzem jamais de forma totalmente idêntica. Isso fica claro, por exemplo, quando Monbeig (1979, P.263) diz:

*Para se compreender melhor o problema da Amazônia, acho muito importante conhecer a situação existente em outras regiões similares do mundo. Toda região da África Equatorial é bastante parecida com a Amazônica. Não são rigorosamente iguais, porque só em Matemática existe a igualdade. Mas as semelhanças são muito grandes ...*

Ler a obra de Monbeig nos leva a melhor compreender alguns aspectos da riqueza da Geografia clássica. É possível reconhecer nessa Geografia traços de uma disciplina moderna, como, por exemplo, a sua preocupação com elementos que hoje fazem parte de estudos da Geografia cultural: como é o caso das mais diversas conseqüências dos fenômenos religiosos na configuração espacial.

Monbeig é um geógrafo do entre-guerras e, a exemplo de seus contemporâneos, foi levado a repensar profundamente seus conhecimentos para responder aos novos desafios com os quais a Geografia se confrontava. Nesse sentido, ele faz parte de um conjunto de geógrafos que viveram um período de transição (3), no qual foram estabelecidas bases para o desenvolvimento da Geografia contemporânea. Monbeig, assim como os chamados tropicalistas, estudam sociedades muito diferentes do mundo rural francês, tema fundamental dos estudos geográficos franceses da época do nascimento da Escola Francesa de Geografia. O contato com a realidade brasileira, principalmente aquele propiciado pelo trabalho de campo – instrumento fundamental para a análise geográfica – começa a demonstrar a insuficiência do método regional para dar conta das realidades dos países “novos”. A análise parte das cartas de densidade, seguida da análise dos gêneros de vida – aí compreendida a relação utilização do solo/formas de ocupação – e das paisagens humanizadas.

Entretanto, num país onde a sociedade se encontra em constante movimento e se inicia um forte processo de urbanização – e em certa medida também de industrialização –, a análise dos gêneros de vida, a descrição das paisagens culturais ou a interpretação de cartas de utilização e ocupação do solo não levam o nosso geógrafo muito longe.

Mesmo abandonando em alguns momentos a noção de gêneros de vida(4), Monbeig a utiliza (5) e conhece muito bem a sua importância e significação para a Geografia vidaliana, pois essa noção introduz a dimensão social na análise geográfica, assim como a da vida cotidiana, hoje em alta, quase que ignorada pelas ciências humanas de sua época.

É noção de gênero de vida que permite ao geógrafo falar da existência das pessoas, da maneira como trabalham elas, como moram, como organizam seu tempo e freqüentam os lugares próximos ou distantes do seu domicílio, e que permite, primeiramente, precisar as ligações que os grupos estabelecem com o meio.

É uma noção que permite explorar a dimensão ecológica da Geografia, compreender detalhadamente o calendário das atividades dos membros de uma comunidade, verificar sua mobilidade, seus encontros e dispersão. É o que possibilita a análise da vida social em seu desenvolvimento concreto, nos lugares onde se organiza e com os ritmos que lhes são próprios, assim como permite igualmente mostrar a multiplicidade das formas de relação que existem entre os grupos, e entre estes e a ocupação do solo.

Mesmo tendo consciência da importância da noção de gênero ligada à idéia de sistema agrário, Monbeig percebe que esse instrumento é insuficiente para analisar o que chama de sociedade em constante movimento. Assim sendo, ele busca a coerência de sua análise na idéia de diferenciação espacial, ligada à maneira de exploração do meio.

Como já assinalamos, a formação profissional de Pierre Monbeig se inscreve fundamentalmente na linha do que é hoje conhecido como a Geografia clássica francesa. Albert Demangeon e Emmanuel de Martonne foram seus grandes mestres. Através desses mestres, ele foi iniciado nos métodos fundamentais da época, métodos que se apoiavam, essencialmente, no trabalho de campo, na observação das paisagens no estabelecimento dos gêneros de vida. A obra de Monbeig é bastante marcada por essa orientação clássica, assim como pelos ensinamentos de história econômica de Henri Hauser.

Em decorrência da sua formação clássica, fortemente vinculada à tradição das grandes teses regionais da Escola Francesa de Geografia, Monbeig procura encorajar, no Brasil, a realização de estudos monográficos espelhados nessa tradição.

Ele se depara com a falta de bibliografia sobre o meio físico e com a falta de dados atualizados sobre a dinâmica socioeconômica, uma vez que, quando chegou ao Brasil, as pesquisas em Geografia eram ainda incipientes. Disso decorre maior importância para o trabalho de campo, atividade em que Monbeig se destaca com relação aos outros estudiosos franceses que vieram para cá, no mesmo período. Podemos mesmo dizer que esta é uma das maiores contribuições desse geógrafo para a ciência brasileira.

Diante de uma sociedade em formação e em constante movimento, fica difícil para o nosso cientista desenhar os contornos dos gêneros de vida ou mesmo fixar um conceito de paisagem regional. Como fica evidente em sua tese, ele abandona a tradição regional clássica e, em vez de fazer um estudo minucioso de um 'pays', ele propõe uma abordagem em termos de rede, o que viabiliza a análise da região, levando-se em consideração o papel das cidades e das vias de comunicação. Monbeig nos mostra, em diversos trabalhos, mas especialmente na sua tese, que as regiões humanamente homogêneas do Estado de São Paulo são criadas em função do traçado do carril e não dos imperativos físicos; aí as regiões são fundadas sobre as redes ferroviárias. O último capítulo de sua tese *Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo* se intitula *Regiões ou redes de comunicação*. A partir disso podemos dizer que este é, entre outros, um traço de modernidade imprimido à geografia científica brasileira pelo seu "pai fundador".

Monbeig também lamenta a falta de estudos brasileiros sobre geografia urbana.

*Numa resposta a um inquérito do Conselho Nacional de Geografia, Gilberto Freire sublinhou a raridade e o interesse dos estudos de geografia urbana no Brasil. Tal raridade é surpreendente num país onde o desenvolvimento de algumas grandes metrópoles e a vida mais modesta, porém ativa, de centros urbanos intimamente ligados ao meio rural, deveriam normalmente atrair pesquisas (MONBEIG, 1957, p.33).*

Diante dessa constatação e vivendo o ritmo cotidiano do crescimento de São Paulo, Monbeig se interessará muito rapidamente pelas questões urbanas, e propõe em 1941 um método para a realização de monografias sobre as cidades(6). Em sua tese complementar (7), ele põe em prática o que sugere que deve ser um estudo monográfico de uma cidade. *O estudo geográfico das cidades* é considerado o ponto de partida da pesquisa geográfica urbana no Brasil.

Em *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*, Monbeig, dedica um capítulo à *Psicologia bandeirante*. Antigos exploradores do interior brasileiro à procura de metais e pedras preciosas, os bandeirantes foram considerados como arquétipos dos pioneiros do século XX. Esses desbravadores, a exemplo dos bandeirantes, também eram movidos pelo desejo e a possibilidade de enriquecimento rápido. *A bem dizer, sofriam todos a magia dos grandes espaços livres e experimentavam todos a ardente convicção de que a fortuna lá os esperava* (MONBEIG, 1998, p.124).

Ao trazer à tona uma *psicologia bandeirante* – o mito bandeirante –, Monbeig considera que as “atitudes mentais” constituem uma força essencial nos modos de ocupação do espaço. Ele expressa claramente essa idéia em seu artigo *Os modos de pensar em Geografia Humana* (MONBEIG, 1957, p.26), onde deixa claro que os modos de pensar e os modos de vida devem ser estudados em conjunto. De certa maneira, ele se antecipa a uma discussão que se dará nas Ciências Sociais vários anos depois, qual seja, aquela que consiste em uma análise das representações e das práticas sociais. A esse tempo, Monbeig também traz à tona a profundidade e a realidade do poder do mito no ser humano. Nesse sentido, ele é, mais uma vez, moderno.

Movido pela grande influência que Sorre exerce sobre sua obra(8), Monbeig desenvolve outro tema que aos seus olhos diferencia o mundo tropical: suas patologias. Guiado pelas elaborações de Sorre sobre o “complexo patogênico”; Monbeig analisa a situação sanitária no mundo pioneiro, deixando claro que o seu entendimento de “meio vivo” diz respeito também ao homem. Daí referir-se não somente às doenças como originárias apenas da “natureza”.

Ele entende que as doenças que atingem os desbravadores “são verdadeiras moléstias ligadas aos gêneros de vida e, ao mesmo tempo, afecções graves, cujas causas devem-se menos ao meio natural do que à estrutura da sociedade paulista” (MONBEIG, 1998, p.323). Ou ainda:

Os sitiantes e colonos são atingidos por outras moléstias contagiosas, cuja presença e dispersão têm menor dependência com relação ao meio tropical do que a leishmaniose e a febre amarela. Trata-se de moléstias sociais, que encontram um terreno favorável nas condições de vida dos pioneiros (p.331).

Para finalizar, ressaltamos que a Geografia de Vidal e de Monbeig é uma Geografia de “olhos fixos na paisagem”, que tenta entender a realidade a partir das marcas que esta deixa na superfície da Terra. É uma Geografia com determinações variadas, na qual os diversos elementos devem ser analisados e compreendidos no contexto de que fazem parte, o que quer dizer que um mesmo elemento pode influenciar a configuração espacial de forma diferenciada, a depender das circunstâncias em que se encontra e de onde se encontra.

O pensamento destes geógrafos é um pensamento conjuntivo e não disjuntivo. Se tomarmos, por exemplo, a análise regional vidaliana em seu conjunto, encontraremos nela uma tentativa de dar conta de vários aspectos e determinações da realidade: ele analisa a região segundo a idéia de região natural, região econômica, região histórica, região política.

Ao tomarmos Monbeig, em sua obra maior – *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo* – encontraremos um conjunto de elementos que irão compor a sua idéia de “franja pioneira”; onde não há um elemento privilegiado para a análise, ela se centra na idéia de complexo. Não existe um elemento que define a “franja”; o que a define é a forma como os vários elementos da realidade se combinam.

Assim como, para o poeta, o amor não se realiza sem um corpo, para Vidal e para Monbeig, a Geografia também não se realiza sem materialidade, e ao geógrafo interessam as marcas e as *impressões* que as relações as mais diversas deixam na superfície da Terra. Assim como amor e corpo se realizam numa relação, o homem se realiza e se constitui na sua relação com os elementos da natureza.

- (1) Ver sobre isto, Marie-Claire ROBIC. *La stratégie épistémologique do miste: le dossier vidalien*. Espaces Temps 47-48/1991, p. 53-66.
- (2) Ver, sobre a contingência na obra de Vidal, Vincent Berdoulay, *La formation de l'école française de géographie*, Paris, CTHS, 1995, especialmente o capítulo 6.
- (3) Ver, sobre esse período, André Meynier, *Histoire de la pensée géographique en France*, Paris, PUF, 1969 e Paul Claval, *Histoire de la Géographie française de 1870 à nos jours* Paris, Nathan, 1998.
- (4) Como nesta passagem: “Depois do malogro do Senador Vergueiro, depois que se renunciou a tornar os imigrantes meeiros, registrara-se o esforço de organizar a imigração de trabalhadores livres. Paralelamente aos subsídios concedidos, tomava o governo do Estado de São Pulo medidas para constituir o aparelho permanente da imigração. Em 1888, construía-se um edifício destinado a hospitalizar gratuitamente os imigrantes e suas famílias e facilitar os encontros com os fazendeiros (...). Criou-se, em 1905, uma Agência Oficial de Colonização e Trabalho, espécie de bolsa de mão-de-obra, sob o controle do Estado. Os contratos assinados pelos fazendeiros eram devidamente registrados, uma cópia dos quais era remetida ao colono, que, munido de sua carteira de trabalho, sabia, assim, quais os seus direitos e obrigações. Não cessou de ser aperfeiçoada a legislação protetora dos colonos, a fim de que não ficassem desarmados, frente a seus patrões.
- (5) “Evolução dos gêneros de vida rural tradicionais no sudoeste do Brasil”, in. *Novos Estudos de Geografia Humana Brasileira*, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1957.
- (6) “O estudo geográfico das cidades”, *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, VII, vol.LXXIII, 1941.
- (7) “La croissance de la ville de São Paulo”, *Revue de Géographie Alpine*, Grenoble, 1953.
- (8) Os textos que se seguem deixam claro a influência da obra de Sorre sobre Monbeig: “La fièvre jaune au Brésil”, *Annales de Géographie*, XLVI, 1937; “O clima e o organismo humana”, *Boletim Geográfico*, n 37, 1946; “O homem branco e o meio tropical”, *Boletim Geográfico*, n50, 1947; e, especialmente, o capítulo IV de sua tese intitulada “A situação sanitária no mundo pioneiro”.

## Bibliografia

- ANDRADE, Manuel Correia de. O Pensamento geográfico e a realidade brasileira. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 54, 1977.
- ANDRADE, Manuel Correia de. Pierre Monbeig e o pensamento geográfico no Brasil. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n.72, 1994.
- CHOLLEY, André. *La Géographie (Guide de l'Étudiant)*. Paris: PUF, 1951.
- CLAVAL, Paul . *Autour de Vidal de La Blache: la formation de l'école française de géographie*. Paris: CNRS, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Histoire de la Géographie française de 1870 à nos jours*. Paris: Nathan, 1998.
- MONBEIG, Pierre. A Geografia no ensino secundário. *Boletim Geográfico*, ano 3, n. 26, maio, 1945.
- \_\_\_\_\_. Complexidade em geografia humana. *O Estado de São Paulo*, 9 e 16 abr.1950.
- \_\_\_\_\_. *Ensaio de geografia humana brasileira*. São Paulo: Livraria Martins, 1940.
- \_\_\_\_\_. Geografia e folclore. *O Estado de São Paulo*, 17 dez. 1948.
- \_\_\_\_\_. Leçon inaugurale 6 de novembre de 1952: Conservatoire National des Arts et Métiers, in: THÉRY, Hervé; DROULES, Martine. *Pierre Monbeig un géographe pionnier*. Paris: CREDAL, 1991.
- \_\_\_\_\_. Les franges pionnières. *Géographie générale. encyclopédie de la Pléiade*. Paris: Gallimard, 1966. p. 974-1006.
- \_\_\_\_\_. Notas relativas à evolução das paisagens rurais de São Paulo, *Boletim Geográfico*, n. 16, 1944.
- \_\_\_\_\_. *Novos estudos de geografia humana brasileira*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1957.
- \_\_\_\_\_. A filosofia que orientou a criação da USP continua válida, in: MOTA, Lourenço Dantas (Coord.). *A História vivida (II)*. São Paulo: O Estado de São Paulo, 1979. cap. 12, p. 251-264. entrevistadores: Lourenço Dantas Mota e Antônio Carlos Pereira.
- \_\_\_\_\_. *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*. São Paulo: Hucitec-Polis, 1998.
- \_\_\_\_\_. Região e geografia, *O Correio Paulistano*, São Paulo, out. 1944/abr.1945.
- \_\_\_\_\_. São-Paulo, *L'Information géographique*, année 16, n. 1, jan./fev.,1952.

VIDAL DE LA BLACHE, P. Les genres de vie dans la géographie humaine. *Annales de Geographie*, v. 20, n. 112. p.289-304, 1911.

\_\_\_\_\_. As características Próprias da Geografia, *in*: CHRISTOFOLETTE, A. *Perspectiva da Geografia*. São Paulo: Difel, 1985.

\_\_\_\_\_. Des divisions fondamentales du sol français, *in*: SANGUIN, André-Louis. *Vidal de La Blache*. Paris: Belin, 1993. p.141-160.

\_\_\_\_\_. Fondaments de la géographie humaine, *in*: SANGUIN André-Louis. *Vidal de La Blache*. Paris: Belin, 1993, p. 223-244.

\_\_\_\_\_. La géographie générale, *in*: SANGUIN, André-Louis. *Vidal de La Blache*. Paris: Belin, 1993, p. 161-175.

\_\_\_\_\_. Les conditions géographiques des faits sociaux, *in*: SANGUIN, André-Louis. *Vidal de La Blache*. Paris: Belin, 1993. p.209-222.